

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COM BASE NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS: REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE ALUNOS SURDOS

Urandy Alves de Melo^{1*}; Juliana Fernanda Vieira Souza²; Alisson Clebio de Araújo Pereira³; Orlando da Silva Neto⁴; Natan Severo de Sousa⁵

¹Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus - IV, urandyuepb@yahoo.com.br; ²Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus - IV, julianafvs1@gmail.com; ³Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus - IV, alissonclebio@hotmail.com; ⁴Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus - IV, orlandosilva47@hotmail.com; ⁵Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus - IV, natansb.letras@gmail.com

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar a língua brasileira de sinais com base na produção textual de alunos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Constatou que nos resultados o ensino de língua brasileira de sinais é vivenciado pelos alunos com o processo inicial da escrita e da língua oral se diferindo da língua de sinais, que em sua produção textual há perante a escrita ou aos parâmetros fonológicos da língua de sinais um elemento regulador. Neste sentido há também para os alunos, a exploração dos aspectos viso-espaciais da escrita, perante as principais especificidades relacionadas com a fonetização. Práticas de escrita na relação não-sonora e realidade bilíngüe quanto à pedagogia que os docentes vêm trabalhando em sala de aula, apesar das peculiaridades estão sendo inseridas nas concepções da escrita pelos alunos surdos. Dessa que forma, concluiu-se que o trabalho prestado pelos professores em pró desses alunos portadores de necessidades especiais e de Educação Inclusiva, envolve uma orientação dentro das possibilidades encontradas no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Alunos. Escrita, Ensino-aprendizagem, Língua brasileira de sinais, Produção textual.

BRAZILIAN LANGUAGE OF SIGNS BASED ON THE TEXTUAL PRODUCTION OF STUDENTS: REFLECTIONS ON WRITING IN THE INCLUSIVE EDUCATION OF DEAF STUDENTS

Urandy Alves de Melo^{1*}; Juliana Fernanda Vieira Souza²; Alisson Clebio de Araújo Pereira³; Orlando da Silva Neto⁴; Natan Severo de Sousa⁵

¹Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus - IV, urandyuepb@yahoo.com.br; ²Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus - IV, julianafvs1@gmail.com; ³Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus - IV, alissonclebio@hotmail.com; ⁴Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus - IV, orlandosilva47@hotmail.com; ⁵Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Campus - IV, natansb.letras@gmail.com

Abstract: The present study aims to analyze the Brazilian language of signs based on the textual production of students. This is a bibliographical research. He found that in the results the teaching of Brazilian sign language is experienced by students with the initial process of writing and oral language differing from sign language, which in their textual production is before the writing or the phonological parameters of the sign language a regulatory element. In this sense, there is also, for the students, the exploration of the visuo-spatial aspects of writing, in view of the main specificities related to phonetization. Writing practices in the non-sonorous relationship and bilingual reality regarding the pedagogy that teachers have been working in the classroom, although the peculiarities are being inserted in the conceptions of writing by deaf students. In this way, it was concluded that the work done by teachers in favor of these students with special needs and Inclusive Education, involves an orientation within the possibilities found in the teaching-learning process.

Keywords: Students: Writing, Teaching-learning, Brazilian sign language, Textual production.

INTRODUÇÃO

As Políticas públicas prestadas pelo poder público nos setores educacionais e sociais podem até garantir um avanço expressivo de pessoas em condições atípicas no desenvolvimento do ensino-aprendizagem nos últimos anos (HOSTINS; PLETCH, p. 5, 2016).

Por meio de sinalizações passíveis ao encontro de variações regionais, de acordo com cada região, vistas sob as mudanças históricas da área de Libras, que é utilizada em centros urbanos, onde existem dependentes de Educação Especial, que é planejada para ser ministrada pelos professores em seus programas de trabalho pedagógico.

Isso significa salientar que tal tipo de atividade voltada à pedagogia é essencialmente planejada para o ensino de alunos surdos, com a modalidade da língua de sinais, restringindo-se as diferenças entre eles, pois refletindo a partir da fonética vista pela realidade atual as diferenças lançam um modo novo de olhar sobre os textos escritos desses discentes especiais.

A partir desse novo modo de olhar visa que:

“A inclusão escolar é vista como um processo dinâmico e gradual, que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos, já que se pressupõe que essa integração/inclusão possibilite, por exemplo, a construção de processos lingüísticos adequados, de aprendizado de conteúdos acadêmicos e de uso social da leitura e da escrita, sendo o professor responsável por mediar e incentivar a construção do conhecimento através da interação com ele e com os colegas” (LACERDA, 2006, p. 167).

A língua vive evolui não no psiquismo individual dos falantes, tampouco no sistema lingüístico abstrato das formas da língua, mas sim na comunicação concreta e verbal (BAKHTIN, 1997, P.124). Os enunciados estáveis de cada esfera são elaborados pela língua, adequando-se aos enunciados isolados os *gêneros observados no discurso*.

Para Peixoto (2006) perpassar-se que os objetos deparados na ciência categorizam o mundo de leitura com a sua realidade de escrita, atravessando os caminhos que norteiam grande parte dos surdos ampliando suas possibilidades cognitivas e sua linguagem.

Considerando impactos políticos existem ainda desafios e barreiras a serem melhoradas na condição em encontrar-se a Educação Especial, que apesar de altas habilidades que se mostram contextualizadas, cabem-se entre os transtornos de seu processo de ensino nas escolas públicas que focam suas metas, para uma articulação de concordância entre as diretrizes e programas dos governos pouco oferecem serviços de qualidade e diferenciado para o alunado, independentemente de qual seja a sua categoria.

De acordo com o trabalho de Fernandes (2006):

Destacamos a complexidade deste tema, contextualizando o momento histórico em que ele se manifesta, no qual as pessoas surdas e seus familiares, vinculados a movimentos politicamente organizados, lutam pela afirmação de direitos sociais que lhes foram negados ao longo do último século. Entre suas reivindicações mais importantes, figura o direito à utilização da língua de sinais nos diferentes contextos de interação social e acesso ao conhecimento. Esse direito implica reflexo imediato nas políticas educacionais.

Pessoas que se comunicam pela língua de sinais há muito tempo são consideradas majoritárias, inseridas na educação que aprenderam com sua família ligada direta ou indiretamente em convivência social. Dessa forma é a partir dessa convivência que elas pela utilização de sua língua reconhecem a condição transigível em sua capacidade e poder de comunicação.

Ser bilíngüe garante também o acesso ao conhecimento, a integração à social e aos elementos culturais na apropriação da língua e não, apenas, historicamente a afetividade familiar sob desenvolvimento cognitivo e indispensável na vida cotidiana do aluno surdo.

Diante do exposto neste estudo o objetivo foi analisar a língua brasileira de sinais com base na produção textual de alunos.

METODOLOGIA

No contexto dessa pesquisa, optamos por uma metodologia bibliográfica, amparada por um olhar qualitativo, no intuito de compreender a língua brasileira de sinais com base na produção textual de alunos: reflexões sobre a escrita na educação inclusiva de alunos surdos.

Nos resultados e discussões veremos como esta explanação contribui diretamente na ressignificação do ensino de LIBRAS no Brasil a partir da formação crítica de professores, bem como na análise detalhada da produção textual dos educandos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para que a especificidade da lingüística e a realidade bilíngüe abranjam reflexões obrigatórias na educação de surdos há um retorno da língua de sinais, especificamente com a realidade social, as transformações e as condições voltadas ao ensino-aprendizagem dos surdos, pois em certos espaços pedagógicos, eles são destinados a passar por uma fonocêntrica perspectiva, o que faz os capazes de alcançar a modesta intenção de perceber elementos que se voltam para um olhar controverso e polêmico da escrita.

É evidente que a língua de sinais, na construção da escrita dos surdos contextualiza certamente a imprescindibilidade a respeito de lidar com a escrita e os resultados de investigação.

Reflexões e apoio ao papel que a oralidade exerce na língua de sinais relevam a relação entre a escrita e a criança, desde sua vivência como uma/um ouvinte em sua vida social.

A fala conduz a compreensão de uma escrita, compreendendo os aspectos visoespaciais da por meio da língua de sinais e criando caminhos para as crianças surdas construir o seu processo de ensino - aprendizagem. Pode existir escrita, ainda não dada como vista e suficiente, que as irregularidades são percebidas na aprendizagem das crianças surdas pelo professor que leciona Educação Especial.

É possível que a configuração de mão na escrita seja realizada pelos seus parâmetros da língua de sinais.

A escrita chega a uma compreensão da linguagem, visando os seus objetos em uma perspectiva global, que através da mediação entre as palavras que o aluno surdo escreve estabelece a língua de sinais e o uso da fala.

Considerar-se que a língua de sinais não faz referência a si - mesma, mas que se evolui a uma representação gráfica da língua oral que ouvintes e surdos devem aprender para se comunicarem. Com organizações fonológicas e morfológicas na escola promovem-se uma ação pedagógica que favoreça sinais não apenas modalidades diferentes, mas, sim, também a escrita, que é ou capaz de ser compreendida melhor na leitura do discente.

Para que os alunos especiais produzam uma escrita que respeite os padrões da língua portuguesa não há dúvidas de que atender as diferenças entre as línguas reflete na intervenção pedagógica, permitindo no sentido e no funcionamento da escrita especificidades que marcam o trabalho prestado pelos educadores.

A construção do trabalho exercido na escola pela relação aluno/professor é conhecida no atravessamento da língua de sinais, conduzindo regulação oral.

As práticas permitidas no trabalho de pedagogia que os professores mantém sobre controle nas suas aulas elencam que para escrever é preciso falar, havendo uma lógica e uma regularidade na escrita inicial dos surdos.

Lidar com a diferença, as limitações, apontando a língua portuguesa que tem certas dificuldades, apresentar-se pelos alunos a sua interpretação aos textos produzidos. Em estabelecimento da fala e das formas de análise textual, que o professor de Educação Especial fundamenta em seu planejamento, surdos como ouvintes utilizam à escrita e fala, tentando a partir das orientações alfabetizarem, mesmo sabendo dos fracassos que irão encontrar em seu caminho.

Professores que abordam procedimentos metodológicos em suas atividades cotidianas preconizam para os alunos surdos uma alfabetização excelente, tornando em grande parte uma escrita razoável.

REFLEXÕES SOBRE PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS

Produção textual é considerada um procedimento que se torna para o emissor um bloqueio, caso ele não enfrente com aprimoramento a escrita, não sendo um bloqueio se for trabalhada com planejamento.

Para redigir textos é preciso utilizar a linguagem, fundamentando a realização de sua produção textual como um imprescindível trabalho. De acordo com os conhecimentos específicos a produção de textos é caracterizada pelo discurso, transmitindo em primeira instância o envolvimento de certas habilidades.

É necessário complementar que:

O escritor precisa usar informações acerca das normas de notação da escrita; atentar para as normas gramaticais de marcação de concordância gramatical; usar recursos coesivos e sinais de pontuação; organizar o texto em parágrafos; decidir acerca das estruturas das frases; selecionar vocábulos; utilizar conhecimentos acerca do tipo de texto a produzir, tais como organização, seqüência de idéias, estilo de enunciação; refletir acerca do conteúdo a ser veiculado, entre outras decisões necessárias. Dessa forma, defende-se a idéia de que o trabalho em pares pode favorecer a tomada de consciência acerca das decisões a tomar, pois idéias conflitantes desautomatizam a tarefa da escrita (LEAL; LUZ, 2001, p. 3).

Recém - formados na língua portuguesa têm ouvido questionamentos referentes às dificuldades na produção de textos de qualidade. Produção textual com o aluno compromete hoje o ensino, devido aos apelos, para desenvolver suas teorias.

No processo de reescrita de textos, alunos, antes têm suas atividades de correção e avaliação sob o poder do docente, verificando, assim a sua aprendizagem. Assinalar falhas cometidas consiste na avaliação contra um pressuposto de um bom texto (Ruiz, 2010). A correção é a ação de atribuir notas, de acordo com critérios estabelecidos.

A melhoria do trabalho pedagógico, apesar de distinta deve visar à orientação, a qual deve ser o principal objetivo da correção e avaliação, que ambas estão inter-relacionadas (Therezo, 2006). Correção e avaliação de textos possibilitam efeitos, sejam negativos ou positivos, com o acompanhamento das práticas pedagógicas, dependentemente da escrita envolvida nos objetivos da plenitude e cidadania.

REFLEXÕES SOBRE TEXTOS

“Texto é uma unidade lingüística de usuários da língua.” (Koch & Travaglia, 1992, p. 08-09)

Texto em sentido lato designa qualquer e toda manifestação do ser humano, no que irá condizente a sua capacidade textual (...) isto é, qualquer comunicação produzida por um conjunto de signos. (...) Independentemente de sua extensão em sentido estrito, formando assim um todo significativo, no uso da escrita ou fala.

“Trata-se de uma unidade comunicativa, contextual, caracterizando-se por um sistema de relações responsáveis pela tessitura do texto, pelos padrões de textualidade, merecendo destaque especial a coesão e a coerência.” (FÁVERO & KOCH, 1994, p. 25)

“(...) de modo seqüencial e com frases coesas o texto deve ser visto nos atos da linguagem.

“Marcuschi (1983, p. 22) aponta que os textos em configurações ideológicas e em formação de sentidos são responsáveis para a recepção e a produção entradas nas condições gerais dos indivíduos.”

Texto é produto de uma atividade verbal e unidade lingüística, por sua coerência superficial e profunda, devido à intenção do falante nas regras da língua mediante as regras textuais em seu campo comunicativo e semântico (BERNÁRDEZ, 1982).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho que é prestado pelos professores em pró do alunado surdo práticas de escrita estão sendo trabalhadas perante peculiaridades, quanto à realidade bilíngüe, a orientação da escrita pedagógica, a educação inclusiva, a relação não-sonora e a língua de sinais, pois dentro das possibilidades encontradas no processo de ensino-aprendizagem, esta última é considerada um dos aspectos mais refletidos nas concepções docentes.

Existe uma tendência apresentada para os alunos, que vão as hipóteses e aos resultados de beneficiarem - se dos apoios e estímulos com a narrativa pobre.

Em torno dos surdos é inegável, de fato a importância da língua de sinais, já que vem resolvendo antigos problemas, que obstaculizam a escolarização deles surdos nos espaços da pedagogia. Na verdade não se caracteriza como um problema, mas exigem para eles como alunos especiais novas reflexões sob os olhares dos pesquisadores e da escola, para que evidentemente lhes proporcionem benéficas discussões.

O começo de uma intrigante descoberta, de travessia e de desafios é a condição bilíngüe dos surdos decidirem reconhecer-la. No mundo deles, ao mesmo tempo em que pensam sobre práticas e processos, vistos pelo acolhimento da língua de sinais, que é imprescindível e necessária, para o seu desenvolvimento social e sua esperança, de maneira a ser considerada no contexto escolar.

As práticas pedagógicas eram quase mediadas pela língua oral, pois ganham até hoje novas nuances a partir da subjetividade de que supúnhamos quando a língua de sinais era negada pelos processos delineados ou diferentes.

Em leituras feitas pelos alunos surdos entende-se que se forem modificadas a forma de interagir, eles se relacionaram melhor nas apropriações de seu eu interior.

Produção textual menos estruturada, quando mantida em situação de práticas pedagógicas necessitam que o docente possibilite a sua qualidade, de modo que as atividades promovam-se nos objetivos específicos e nos gêneros textuais, o alunado a ter um ótimo desempenho (Barrera; Santos, 2016, p. 83).

Gêneros trabalhados em sala de aula pelos professores para os educando apresentam uma proposta ressaltada e metodológica, requerendo um acompanhamento em ambas as partes.

Isso justifica apontar que as teorias são propostas e praticadas entre a aplicação dos gêneros textuais e formação pedagógica necessária. Como a escrita, a leitura e o ensino-aprendizagem ministrado pelos professores compreendem os gêneros textuais e discursivos alunos terão que, no entanto, aderir o seu refletir nas propostas que lhes são abordadas nas aulas provenientes à textualidade.

Barrera e Santos (2016), as habilidades textuais são essenciais para a aprendizagem dos alunos nos textos, permitindo que escritor reflita e analise o gênero proposto em sua produção. No processo de aprendizagem dos alunos possibilitam a qualidade das produções textuais, apesar de aprendizagens explícitas e não decorridas pela ampliação dos conhecimentos.

A partir de atividades pedagógicas professores avaliam a produção textual de seus alunos, focando-se na essência dos gêneros textuais utilizados na Língua Portuguesa.

As propostas coesas, coerentes e pedagógicas trabalhadas na escrita fundamentam a formação de gêneros, buscando um planejamento, que metodologicamente vinculam a socialização no sistema educacional, ressaltando-se na minimização das dificuldades encontradas entre aluno e professor. A utilização da leitura em domínio dos gêneros trabalhados com o educando, tratar-se, por exemplo, de que ele em sala de aula compreenda a sua escrita como propriamente dito na formulação discursiva/textual.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARRERA, Sylvia Domingos; SANTOS, Maria José dos. **Produção escrita de narrativas: influência de condições de solicitação**. Educar em Revista, [S.l.], n. 62, p. p. 69-85, jan. 2017. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/48026>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

BERNÁRDEZ, Enrique. **Introducción a la lingüística del texto**. Madrid: Espasa-Calpe, 1982.

FÁVERO, Leonor L.? KOCH, Ingedore G. V. **Lingüística textual: uma introdução**. São Paulo: Cortez, 1994.

FERNANDES, Sueli. **Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações**. SEED/SUED/DEE, Curitiba, v. 10, p. 11, 2006.

INTÉRPRETES, PROFESSORES E. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos professores e intérpretes sobre esta experiência**. Cad. Cedes, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006.

KOCH, Ingedore? TRAVAGLIA, Luiz C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1992.

LEAL, Telma Ferraz e LUZ, Patrícia Santos da. **Produção de textos narrativos em pares: reflexões sobre o processo de interação.** *Educ Pesq* [online]. 2001, vol.27, n.1, pp.27-45. ISSN 1517-9702. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022001000100003>.

MARCUSCHI, Luiz A. **Linguística textual: o que é e como se faz.** Recife, UFPE. Séries DEBATES. V1, 1983.

PEIXOTO, Renata Castelo. **Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda.** Cadernos Cedem v. 26, n. 69, p. 205-229, 2006.

PLETSCH, Márcia Denise; HOSTINS, Regina Célia Linhares. **Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: organização e oferta do atendimento educacional especializado.** Revista Linhas, v. 17, n. 35, p. 05-09, 2016.

RUIZ, Eliana D. **Como corrigir redações na escola: uma proposta textual interativa.** São Paulo: Contexto, 2010.

Petrópolis: Vozes, 2009. THEREZO, Graciema P. **Como corrigir redações.** 5 ed. Campinas: Alínea, 2006. VAL, M. G. Costa.